

41º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

SPG23 PENSAMENTO SOCIAL NO BRASIL: PERSPECTIVAS COMPARADAS E FRONTEIRAS TEÓRICO-
METODOLÓGICAS

ROBERTO SCHWARZ LEITOR DE ANTONIO CANDIDO

LEONARDO OCTAVIO BELINELLI DE BRITO

2017

INTRODUÇÃO

Aqueles que se puserem a ler os livros de Roberto Schwarz encontrarão, sem dificuldade, diversas referências a Antonio Candido, a começar pela dedicatória do livro *O pai de família e outros estudos*. Compreensivelmente, os leitores logo deduzem a primeira dimensão delas, a afetiva, a qual se deve, em boa medida, ao acolhimento pessoal e institucional que Candido deu a Schwarz no momento em que este buscava se afastar das Ciências Sociais, curso no qual se graduou².

Entretanto, as considerações de Schwarz sobre a obra e as atividades de Antonio Candido só muito raramente vão, de maneira explícita, nessa direção; em contraste, nelas predominam as análises dos aspectos teóricos e sócio-políticos da obra do autor de *Formação da literatura brasileira* – e, nesse sentido, devem ser tomadas como estudos. Na verdade, a recorrência das referências de Schwarz a Candido resultam tanto *da* busca, costumeiramente solicitada por estudiosos de sua obra, por lembranças e explicações em torno de sua trajetória e posições teóricas, como *na* construção de uma certa interpretação sobre o mestre. Ou seja: se a obra de Schwarz, de fato, confirma sua filiação à crítica literária de Candido, por outro lado também resultou em uma interpretação – isto é, uma seleção e articulação - dos elementos, ao seu ver, mais importantes da trajetória de seu professor. Cabe lembrar a observação de Sérgio Miceli, para quem, diferentemente de Adorno, Schwarz tematiza, em seus ensaios, suas lembranças, o que constituiria um dos “componentes mais relevantes do procedimento ensaístico de Roberto [Schwarz], ao garantir meios de acesso ao trabalho propriamente reflexivo.” (MICELI, 2007, p.60)

Vale esclarecer: o terreno sobre o qual este artigo se assenta é a interpretação de Schwarz sobre Antonio Candido. Este, no entanto, é um terreno complexo, pois nele se associam memória e interpretação teórica, costumeiramente preocupada com o contexto imediato na qual é elaborada. O intuito do artigo é justamente explorar a potência dessa relação, o que nos coloca tanto a tarefa de compreender como Roberto Schwarz teorizou sobre a herança que Antonio Candido legou à crítica brasileira, como também na análise do resultado que esse esforço analítico nos trouxe: a construção

1 Doutorando em Ciência Política, Universidade de São Paulo. E-mail para contato: belinelli.leonardo@gmail.com

2 “Fui aluno de Antonio Candido no segundo ano de ciências sociais, em 1958, no último ano em que ele deu sociologia. No ano seguinte comecei a ficar abatido com o lado empírico da pesquisa sociológica, os levantamentos e tabulações não eram comigo. A essa altura, Antonio Candido passara da sociologia para as letras, e estava ensinando literatura brasileira em Assis. Ruminei o exemplo e fui até lá, me queixar da vida e pedir conselho, pois gostava mesmo é de literatura. Ficou mais ou menos combinado que quando eu terminasse o curso faria um mestrado em literatura comparada no exterior e depois iria trabalhar com ele na USP. Nessa época eu já escrevia um pouco de crítica literária para jornal.” (SCHWARZ, 2012a, p.284)

de uma imagem sobre Antonio Candido³. Naturalmente, essa construção entre memória e interpretação teórica ocorre em determinados *tempos* e *espaços*, que moldam suas possibilidades e objetivos. Em outros termos, como argumentaremos a seguir, Schwarz parece, ao longo do tempo, refinar as determinações históricas da relação dúplice entre memória e análise sobre Candido, o que resulta em novas formas de apreciação de sua obra/trajetória, sempre feitas a partir do momento no qual escreve. Reapreciação essa que tem como centro nervoso a recusa daquela característica tão típica da vida intelectual brasileira que é a sensação – ou desejo? - de recomeçar, a cada nova geração, suas reflexões do zero. Recusa, por sua vez, aprendida com Antonio Candido (SCHWARZ, 2012b, p.30), o que remete à ideia de que é possível que a originalidade do ensaísmo de Schwarz, no sentido apontado por Miceli, talvez tenha raízes na sua reflexão meditada a respeito dos procedimentos intelectuais de seus predecessores, entre os quais Candido ocupa lugar destacado.

Seriam muitos os filões da relação entre Candido e Schwarz que poderiam ser explorados com resultados proveitosos. Entretanto, nosso artigo fincará sua bandeira em apenas um deles: a forma como Schwarz recupera a figura de Antonio Candido para analisar alguns dos contextos no qual escreveu. Estudaremos essa ideia segundo uma compreensão temporal dividida em três momentos. No primeiro deles, destacaremos dois planos: a filiação teórico-metodológica de Schwarz aos pressupostos analíticos formulados por Antonio Candido, com destaque para sua noção materialista de forma literária, e as diferenças teóricas e políticas entre os dois autores no que se refere às possibilidades de formação daquilo que poderíamos chamar de "civilização brasileira". Em um segundo momento, destacaremos o terceiro plano, surgido no livro *Sequências brasileiras*, no qual Schwarz analisa a trajetória de seu mestre para pensar os pontos altos da inteligência brasileira nos meados do século XX e a crise contemporânea, refletida tanto na ascensão da ideologia universalista da globalização como nas ameaças econômicas e sociais que põem em xeque a atualidade de suas formulações (SCHWARZ, 1999a; 1999b; 1999c; 1999d). Por fim, em um momento mais recente, destacaremos o quarto plano, configurado a partir do que poderíamos chamar de “contraposição combinatória” que Schwarz faz entre o ensaísmo “periférico” de Candido como um antídoto ao “universalismo” de Adorno (SCHWARZ, 2009; 2012c). O presente estudo argumenta que esses quatro planos aludidos se associam, com variados graus de ênfase, ao longo do tempo na obra de Schwarz, o que se deveria não só, mas também aos momentos históricos nos quais elas foram formuladas.

3 Schwarz não é o único a fazê-lo. Como observa Flávio Moura (2011), Alfredo Bosi e Silviano Santiago também realizam movimento similar – inclusive, por meio da tentativa de separação das teorias de Candido e Schwarz. Esse cenário de tentativa de filiação demonstra, entre outras coisas, a centralidade de Antonio Candido na configuração do campo da teoria literária no país.

O GOLPE DE 1964

Escrito originalmente para um volume em homenagem a Antonio Candido e posteriormente recolhido em *Que horas são?*, o ensaio *Pressupostos, salvo engano, da Dialética da malandragem* é marcante em vários níveis. Em primeiro lugar, porque é uma competente exposição dos princípios metodológicos utilizados por Candido para estruturar o seu *Dialética da malandragem* (CANDIDO, 1970), publicado originalmente na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* em 1970, estudo que punha em prática a perspectiva metodológica integrada que havia anunciado no II Congresso de Crítica e História Literária, realizado em Assis, no ano 1961. Schwarz estava na platéia que assistiu a comunicação de Candido nesse evento (SCHWARZ, 2009b, p.233), a qual resultou no conhecido *Crítica e Sociologia – tentativa de esclarecimento* (CANDIDO, 2006).

Em *Pressupostos*, lemos:

Só em 1970 [...] é que seria publicado no Brasil o primeiro estudo literário propriamente dialético. Sem alarde de método ou de terminologia, passando ao largo do estruturalismo, e guardando também a distância em relação à conceituação do marxismo (o qual entretanto era a sua inspiração essencial), saía a “Dialética da Malandragem”: uma explicação surpreendente e bem argumentada do valor das *Memórias de um sargento de milícias*. (SCHWARZ, 2012d, p.129)

Schwarz chama a atenção para a potência do estudo de Antonio Candido sobre *Memórias de um sargento de milícias*. De maneira imediata, Schwarz destaca que *Dialética da malandragem* é um estudo centrado na análise da *forma* do romance aludido, a qual, embora não inteiramente consistente, possibilitaria a revelação de alguns aspectos decisivos da organização da sociedade brasileira da primeira metade do século XIX. Confirmada essa possibilidade, o estudo de Candido resultava em uma surpreendente elevação da importância/qualidade desse romance normalmente visto como ligeiro. Em outro plano, essa perspectiva analítica de Candido conformaria na percepção de certa linha evolutiva de nossa literatura, costumeiramente vista como errática, que passaria pela Colônia, por Pedro Malazarte, pela imprensa popular do século XIX e chegaria até os modernimos figurados em *Macunaíma* e *Serafim Ponte-Grande*. Em suma: o estudo de Candido iluminaria, ao mesmo tempo: um romance específico; aspectos centrais do trajevamento da sociedade brasileira e uma parcela de nossa literatura. Schwarz acrescenta, ainda, outro aspecto: *Dialética da malandragem* permitiria uma “sondagem da cena contemporânea”. (SCHWARZ, 2012d, p.130).

É curioso o contraste entre a ambição *original* do estudo de Candido e o seu procedimento inicial, que consiste na *recuperação* e na análise da tradição intelectual que havia se debruçado sobre o romance em pauta. Essa postura crítico-assimilativa demonstra uma disposição em tomar em conta o processo de acumulação de problemas, teses, ideias, suposições, hipóteses e etc., o que configura um movimento similar ao identificado no processo de formação de nossa literatura. Não é

por outro motivo que, segundo Paulo Arantes, nesse texto que estamos estudando, Schwarz sustentaria que foi em *Dialética da malandragem* que a nossa crítica literária *foi formada*. (ARANTES, 1992, p.17-8)⁴. Desse ângulo, o propósito de Schwarz nesse texto é compreender quais foram as medidas e as disposições tomadas pelo crítico para realizar esse feito.

Em um plano, Schwarz indica *como* Antonio Candido dialogou com da tradição da crítica literária brasileira para formular seu estudo sobre *Memórias de um sargento de milícias*. Quando Candido afirma que *Memórias* não é um romance picaresco, como se pensava, mas algo *sui generis*, estaria seguindo o passo da crítica nacionalista oitocentista, que afirmava que a literatura brasileira não era mera cópia estrangeira. Entretanto, existiria uma diferença importante entre essas duas posturas: enquanto a crítica nacionalista apostava em um desejo romântico de estabelecimento da literatura brasileira, o crítico modernista se moveria no sentido de considerar a hipótese picaresca – a qual seria rechaçada pela primeira vertente.

Assim, o acento do caráter *nacional* da originalidade literária, que de diferentes modos foi bandeira ideológica e estética dos românticos, modernistas e outros, está de sentido mudado. Corresponde a uma *constatação*, ligada aliás, no caso, a aspectos da realidade relativamente originais eles também, mas de que não há porque se orgulhar, tais como a anomia social que acompanha a escravatura. Depois de ser um valor patriótico inquestionado, que pede reconhecimento e adesão, a singularidade nacional é agora um fato da vida, e pede espírito crítico. (SCHWARZ, 2012d, p.134-5 – grifo do autor)

Candido teria tomado a mesma atitude perante a crítica naturalista, que afirmava o caráter documental do romance. Segundo ele, o mérito do romance residia no fato de que, com o avanço da trama, a sua dimensão documental se tornava estruturante de sua composição – isto é, foi internalizada– e não é mais tomada como conteúdo – isto é, como informação/peça externa. Vê-se aqui, então, o essencial da postura crítico-assimilativa: *recupera, específica e crítica* a herança analítica dos predecessores, a qual, entretanto, é tomada como ponto de partida. Procedimento típico de uma mirada dialética, na medida em parte de uma *crítica imanente* da tradição.

Uma das originalidades teóricas do ensaio é compreender o protagonista do romance de Manuel Antonio de Almeida como malandro. Enquanto tal, ele sintetizaria em si três movimentos: por um lado, incorporaria a dimensão do folclore e de elementos pré-modernos, como o *trickster*; por outro lado, evocaria o gênero da sátira do período regencial e, mais profundamente, ensinaria, nos termos de Schwarz, ”*uma intuição profunda do movimento da sociedade brasileira*”

4 Em “Nacional por subtração”, texto também recolhido em *Que horas são?*, Schwarz afirmará: ““Não se trata, portanto, da continuidade pela continuidade, *mas da constituição de um campo de problemas reais, particulares, com inserção e duração histórica próprias*, que recolha as forças em presença e solicite o passo adiante.” (SCHWARZ, 2012b, p.31 – grifo nosso). Lê-se no mesmo texto que, na avaliação de Schwarz, Machado de Assis, Mário de Andrade e Antonio Candido tomaram providências no sentido assinalado. Sem esquecer outros, não caberia pensar que na ordenação desses nomes há uma indicação acerca de uma linhagem formativa de nossa crítica literária?

(SCHWARZ, 2012d, p.131 – grifo do autor). Essa intuição teria sido levada adiante a partir da reflexão meditada do crítico sobre a relação entre a forma social e a forma literária; isto é, recusou-se a opor elementos sociais aos estéticos. Assim, o crítico escapava ao marxismo vulgar – que sustentava o *reflexo* dos elementos sociais no plano estético, que perderia qualquer particularidade – e ao estruturalismo, então em voga, que sustentava a literatura como um mundo com regras próprias. Como Antonio Candido teria realizado isso?

Por um lado, concedeu à “sociologia” - usamos os termos de Candido em “Sociologia e Crítica” - a ideia de que a literatura é travejada por elementos sociais, mas não como reflexos não-mediatizados da realidade concreta; por outro lado, Candido concordaria com a “crítica” que afirma que a prioridade da crítica literária deve ser o estudo da obra, embora pense que isso não justifica tomá-la como completamente independente em relação ao mundo concreto. Por isso, adotará do *close reading* para a leitura de textos e teorizará sobre o que chama, em *Dialética da malandragem*, de *redução estrutural*. Assim, a forma é considerada síntese do movimento histórico, o que a torna, no plano mimético, mais profunda e realista do que a mera documentação de fatos.

Tanto seria assim que, do ponto do *gênero* do romance realista, o romance de Almeida teria um problema: não figura a vida nem dos escravos, nem das classes dirigentes. O que Candido assinala é que o seu realismo é de outra ordem, pois está entranhado na sua intuição figurativa. Essa espécie de pressentimento está inscrito na forma do livro, que revela as ações de suas personagens como sendo marcadas pela ultrapassagem constante da linha que estabeleceria a ordem da sociedade. De maneira imparcial – isto é, sem julgamentos a respeito da moralidade das ações dessas personagens - , o livro figuraria a mencionada *redução estrutural*, constituída pela figuração de um dado externo à forma do romance. Nota Roberto Schwarz:

Paradoxalmente, a apreensão deste ritmo está ligada às limitações do romance enquanto documento. Com efeito, ao suprimir o escravo, o romancista suprimia quase totalmente o trabalhador: e suprimindo as classes dirigentes, suprimia os controles do mando. Ficava-lhe um setor intermédio e anômico da sociedade, cujas características entretanto serão decisivas para a ideologia dela. Um setor em que a *ordem* só dificilmente se impunha e mantinha [...]. É esta a realidade histórica de que a dialética da ordem e desordem é o correlativo formal. (SCHWARZ, 2012d, p.132-3)

Assim, a dialética da ordem e da desordem seria um “princípio de generalização”, o qual se encontra, ao mesmo tempo, *na realidade e na ficção*. Por consequência, a organização dos elementos da realidade no romance são *mediatizados* na medida em que são incorporados como lógica das relações sociais – e não como conteúdos específicos. A tensão que caracteriza a dialética da malandragem seria marcada pela “a suspensão de conflitos históricos precisos através de uma sabedoria genérica da sobrevivência, que não os interioriza e não conhece convicções nem remorsos.” (SCHWARZ, 2012d, p.133). É ela que gera a imagem do “*mundo sem culpa*”.

Vale frisar:

No caso das *Memórias*, por exemplo, foi preciso *localizar* o setor da totalidade social cujo movimento a forma do livro sintetiza. Ocorre que este setor não havia sido unificado em teoria ou na consciência corrente como tendo uma problemática própria, de modo que assistimos, em “Dialética da malandragem”, à cristalização conceitual e à promoção histórica de seu ponto de vista: assistimos à paisagem de conhecimentos variados a respeito da vida dos homens livres e pobres no Brasil a um conceito que os unifica sob um certo aspecto, o aspecto formalizado na intriga das *Memórias* e nomeado pelo crítico a “dialética da ordem e desordem”. (idem, p.139)

Enfim:

Trata-se, noutras palavras, de chegar a uma estrutura de estruturas, ou melhor, a uma estrutura composta de duas outras: a forma da obra, articulada ao processo social, que tem de estar construído de modo a viabilizar e tornar inteligível a coerência e a força organizadora da primeira, a qual é o ponto de partida da reflexão. (idem, p.140)

Partindo dessa análise, Roberto Schwarz aproxima a ideia de *forma* construída por Candido da concepção de forma forjada pela tradição marxista, segundo a qual o concreto também possuiria forma. Nesse sentido, a relação entre “sociologia” e “crítica” tal como formulada por Candido estaria próxima da “tradição alemã e influência luckásiana” (SCHWARZ, 2012c, p.142). Com efeito, a noção de forma elaborada por Candido, bem como o papel que atribui à crítica, conteria semelhanças importantes com a tradição romântica alemã, cuja perspectiva assinalava a necessidade de “elevação” da obra de arte, o que ocorreria, para Friedrich Schlegel e Novalis, “com a *exposição* da auto-reflexão da obra através da crítica. A crítica revela tal reflexão através da confrontação entre a obra e o seu próprio Ideal, ou, ainda dentro da terminologia romântica, ligando o seu espírito (*Geist*) à sua letra (*Buchstab*) [...]” (SELIGMANN-SILVA, 1999, p.64 – grifo do original). Não é à toa que a tradição materialista da crítica literária recorrerá aos românticos alemães para fundar a sua noção de crítica literária, tal como exemplificam os casos de Lukács e Benjamin. Vista desse prisma, a tentativa de aproximação que Schwarz faz entre Candido e os marxistas ganha sentido e será retomada, com outra ênfase, em período mais recente.

Schwarz, no entanto, assinala limitações na interpretação do mestre – o que sinaliza aquilo que havíamos dito antes acerca do caráter analítico de suas reflexões sobre Candido. Para o discípulo, o professor não teria levado a sua descoberta às últimas consequências e por isso teria recaído na essencialização da dialética da malandragem como um *modo de ser* brasileiro. (Cf. SCHWARZ, 2012c, p.150).

A transformação de um modo de ser de classe em modo de ser nacional é a operação de base da ideologia. Com a particularidade, no caso, de que não se trata de generalizar a ideologia da classe dominante, como é hábito, mas a de uma classe oprimida. Com efeito, Antonio Candido identifica a dialética da ordem e desordem como um modo de ser popular. Mais adiante ele a generaliza para o país, sublinha os inconvenientes de racismo e fanatismo religioso que ela nos poupou, e especula sobre as suas afinidades com uma ordem mundial mais favorável, que pelo contexto seria pós-burguesa. [...]. Noutras palavras, além de identificar e valorizar, Antonio Candido a traz ao âmbito de grandes

Para Schwarz, o equívoco de Candido estaria na mimetização da posição de Manoel Antonio de Almeida, o que resultaria numa paralisação da historicidade da dialética que ele mesmo teria posto em marcha. Assim, a *crítica imanente* que o discípulo fez *da crítica imanente* do mestre tinha também como objetivo demonstrar a falsa reconciliação que a última acabava por propor. Eis aqui a dimensão *negativa* da dialética de Schwarz, a qual também aparece na sua reprovação acerca da comparação que Candido fez entre o romance malandro brasileiro e a *A letra escarlate* de Nathaniel Hawthorne. Se o movimento comparativo e ambicioso é digno de nota, ele não deixaria de se identificar com a ideia de que existiriam histórias nacionais *essencialmente* distintas. Nessa crítica aparece a filiação de Schwarz ao marxismo formulado no Seminário Marx, cuja tese geral foi perceber a formação brasileira como resultado da expansão mercantil européia – a qual seria também responsável pela formação norte-americana⁵. Nesse sentido, as histórias nacionais modernas teriam um fio em comum: o capital, que as tornam/tornaram desiguais na medida em que suas histórias foram propícias ou não para os seus empreendimentos.

Ora, o mencionado concerto das nações hoje carece de verossimilhança, o que aliás, retrospectivamente, lança dúvidas também sobre a sua existência anterior. Diante da extraordinária unificação do mundo contemporâneo sob a égide do capital (e da dinâmica enigmática do mundo dito socialista), aquela comunidade das nações é um conceito recuado da experiência histórica disponível, e é um tempo morto da dialética. Não será mais plausível, como proposta, buscar os termos de uma história comum [...] história de que sejam parte e reveladores tanto as *Memórias* quanto *A letra escarlate*, o Brasil como os Estados Unidos? O processo social a compreender não é nacional, ainda que as nações existam. (SCHWARZ, 2012d, p.153)

As críticas de Schwarz a Candido, as quais giram em torno do déficit de historicidade do ensaio analisado, atingem seu ponto culminante na hipótese de que o AI-5, outorgado um pouco antes da publicação *Dialética da malandragem*, faria parte também da dialética da ordem e da desordem, o que revelaria a inadequação da aposta de Candido na “boa” malandragem brasileira contra a força do capitalismo autoritário. Encontramos, então, a mencionada “sondagem” do mundo contemporâneo. Nesse caso, percebemos que as críticas literárias de Candido e Schwarz estão longe de serem restritas “apenas” ao universo literário; são, em contrário, formas de engajamento intelectual e político, concretizadas nos textos, eles mesmos portados de programas e críticas. Essa

5 Não é possível explorar com o detalhamento necessário a experiência intelectual do Seminário Marx. Fiquemos então com algumas referências: além dos ensaios de Schwarz (1999e; 2017), vale a leitura dos trabalhos de Milton Lahuerta (2008), Lidiane Rodrigues (2011) e Pedro Lima (2015). Caso o leitor se interesse pela nossa perspectiva, alguns resultados prévios da pesquisa de doutoramento em curso podem ser encontrados em Gonçalves e Brito (2017)

constatação nos permite indicar que o pensamento político e social desses autores, como de outros, podem e devem ser encontrados e compreendidos na lógica interna de seus textos.

Essas diferenças de posição, no entanto, não impediram que Candido e Schwarz fizessem parte do mesmo partido político, o Partido dos Trabalhadores (PT), para o qual chegaram a escrever uma plataforma cultural (SCHWARZ, 2012e), cujos temas centrais se concentraram em torno do problema da relação entre democratização da cultura e a indústria cultural, tal como teorizada pelos frankfurtianos.

Percebe-se, em suma, que os elogios e as críticas de Schwarz sobre o ensaio de Candido giram em torno das suas potencialidades e incapacidade de historicização da experiência social brasileira. De um ponto de vista teórico, não deixa de ser chamativo, embora compreensível, que, embora reafirme até hoje a sua admiração e predileção por esse ensaio de Candido, conjuntamente com outro intitulado *De cortiço a cortiço* (SCHWARZ, 2009c), Schwarz tenha deixado de lado suas críticas. Se não estivermos enganados, ao lado da delicadeza pessoal desse “esquecimento”, que visa destacar a predominância da qualidade do ensaio sobre seus eventuais equívocos, há o fato de que as suas análises posteriores sobre Antonio Candido exigirão o realce de outras dimensões de sua obra/trajetória.

SEGUNDO MOMENTO: A CRISE DA “FORMAÇÃO” E A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DO LEGADO DE ANTONIO CANDIDO

No livro seguinte de ensaios de Schwarz, *Sequências brasileiras* (1999) encontramos quatro textos que versam sobre a obra e a trajetória de Antonio Candido. Essa marca significativa ganha contornos quando observamos as datas originais de publicação desses ensaios e as ocasiões em que apareceram: o primeiro deles, “Saudação *honoris causa*” foi lido em 1987, na ocasião em que Candido recebeu o título de doutor *honoris causa* da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); o segundo, “Sobre *Formação da literatura brasileira*”, foi proferido em 1990, na II Jornada de Ciências Sociais da Unesp; “Adequação nacional e originalidade crítica” foi apresentado em um colóquio ocorrido em 1991, na Alemanha; por fim, “Os sete fôlegos de um livro”, foi exposto em 1998, em outro evento em homenagem a Antonio Candido. Em comum, todos os ensaios destacam, tendo em vista o contexto em que foram apresentados, a variedade a potência do pensamento e da ação de Candido. Entretanto, cabe especificar.

No caso do primeiro dos ensaios citados, Schwarz destaca a variedade de campos em que Candido atuou: foi pesquisador, professor, colunista de jornal, organizador de revista e militante político, para ficarmos em suas atividades mais conhecidas. Schwarz sublinha que todas elas, a despeito de suas especificidades, acabavam por resultar não apenas na produção de conhecimento,

mas também na sua *socialização*. Por exemplo: ao compartilhar com leitores de revistas e jornais os seus juízos sobre literatura, os quais envolviam tanto os recém-lançados como os clássicos locais e estrangeiros, Candido acabava por construir um ponte entre o restrito debate acadêmico e a circulação que apenas a imprensa tinha potencial para realizar. O empenho democratizante e formativo dessa atividade se combinava com a sua militância antiautoritária. Schwarz interpreta a atividade docente de Candido no mesmo sentido. Isto é, além de ter sido a figura central do estabelecimento dos estudos de Teoria Literária na Universidade de São Paulo (USP) e ajudado a criar o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, Candido tornou o modernismo e suas derivações matéria de estudos de pós-graduação e chegou a escrever um livro, *Na sala de aula*, para facilitar o trabalho de professores na explicação de poemas aos seus alunos. Aqui também aparecem os âmbitos construtivos e socializadores que guiaram suas atividades.

No plano do pensamento, Schwarz retoma a observação de que Candido valorizava os trabalhos intelectuais das gerações anteriores que se dedicaram a compreender o país e a construir sua cultura. Isso fica evidenciado na sua tese *O método crítico de Silvio Romero* (1945), na qual analisou com serenidade os acertos e equívocos de uma figura tão polêmica. Algo similar é encontrado em *Formação da literatura brasileira* (1958), em que boas e más obras literárias locais são analisadas também com espírito construtivo, o que colocaria esse livro ao lado de obras de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr.

Contudo, a originalidade maior do trabalho está na concepção geral na ideia de *formação*, enfatizada no título. Como os mestres mencionados haviam feito para os padrões da sociabilidade e da vida econômica, Antonio Candido historia o vir-a-ser de um sistema literário relativamente estável, com dimensão nacional, cujos problemas são particulares. Nesse sentido tangível, trata-se de um estudo fundador. Identifica dinamismos específicos e reais de nossa vida cultural, que uma interpretação universalista deixaria escapar. Assim, por exemplo, foi possível captar, sob o signo do engajamento patriótico das letras, uma certa continuidade de fundo entre momentos tão opostos, pela escola, quanto o arcádico e o romântico. Daí também a relação complexa com a ideia nacional, cuja força formativa está sublinhada e examinada em seus efeitos, tornados parte de nossa identidade, sem que entretanto o estudo tenha a mínima parte com o nacionalismo. (SCHWARZ, 1999a, p.12 – grifo do original)

A conexão entre proposta artística e sentimento de construção nacional que marca a literatura brasileira obrigaria que os seus críticos tivessem um olhar duplo, nem sempre formalizado em análises literárias surgidas nos países centrais, nos quais a construção nacional não era vista como problema. Esse duplo olhar foi sendo refinado ao longo do tempo e teria atingido seu ápice em *Dialética da malandragem*, como vimos. Ou seja: a *formação* da literatura brasileira é interpretada como sendo processada, inclusive, na constituição *formal* de suas obras (RICUPERO, 2008) – lição aprendida, com rigor e máxima qualidade, pelo discípulo. Em suma: “Produção intelectual,

capacidade didática e contribuições institucionais compõem uma carreira acadêmica impecável e acatada. Soma-se a esta um conjunto de atividades paralelas, decorrentes da convicção política.” (SCHWARZ, 1999a, p.14). É possível dizer que a argumentação de Schwarz sugere que Candido seria uma figura indispensável daquilo que ele mesmo havia chamado de “rotinização do modernismo” (CANDIDO, 1984), especialmente no que diz respeito à busca por construir, intelectual e politicamente, posições e instituições culturais modernas e antiaristocráticas, típicos de um pensamento radical (CANDIDO, 1990) formado na Universidade de São Paulo (CANDIDO, 2004). Ou, por outra, que Candido tenha sido um exemplo de intelectual que aliou teoria e prática. As recordações sobre as várias atividades de Antonio Candido naquele período parecem ter um sentido preciso: as tarefas impostas pela então redemocratização do país deveriam ser enfrentadas à luz do pensamento e da atividade construtiva, radical e antiaristocrática tão bem figurada pelo autor de *Formação da literatura brasileira*. Assim, a homenagem de Schwarz a Candido, na verdade, deve ser também tomada como um convite à ação dos intelectuais comprometidos com a transformação do país em um contexto em que se anunciava o retrocesso liberalizante.

No segundo texto mencionado, “Sobre *Formação da literatura brasileira*”, Schwarz aprofunda a noção de “formação” no trabalho de Candido, o que é feito por meio da aproximações e contrastes com os grandes autores da chamada “geração de 1930”, a qual se firmou como sendo composta no imaginário das ciências sociais brasileiras justamente a partir do célebre prefácio que Candido escreveu para *Raízes do Brasil* (CANDIDO, 2009), e com Celso Furtado, autor contemporâneo a Candido.

Aprofundando o que havia exposto no texto anterior, Schwarz destaca certa distância axiológica tomada por Candido em relação à noção de “formação” (SCHWARZ, 1999b, p.18), o que se deveria, sobretudo, ao fato de que, ao contrário da economia, o Brasil havia formado um sistema literário, como sinalizaria o surgimento de um escritor da estatura de Machado de Assis. Assim, o ponto de fuga da “formação” na literatura não se aplicaria da mesma forma em que em outros campos, pois ele *já havia se realizado* – o que talvez permitisse uma outra mirada sobre as expectativas e resultados inscritas nesse processo. Possivelmente por isso Schwarz destaque a distância de Candido em relação ao nacionalismo literário, o qual, embora visto como força efetiva nesse processo de construção literária, era tomado como prenhe de impasses, inclusive sobre os sociais. Nos termos certos do crítico:

O termo *formação* está sendo usado, portanto, num sentido sóbrio, e sua normatividade, que existe, é descrita de fora, nos limites de seu desempenho real. Para lhe perceber a irradiação moderada, basta lembrar que, já “formado”, o nosso sistema literário coexistia com a escravidão e com outras “anomalias”, traços de uma sociedade tradicional que até hoje não se completou sob o aspecto da cidadania, e talvez não venha a se completar, o que certamente faz refletir sobre a

natureza mesma daquele movimento de formação nacional. (SCHWARZ, 1999b, p.19 – grifo do original)

Sem querer forçar a nota, essa advertência de Schwarz parece sugerir que Candido já havia pressentido que o processo de formação, embora desejável, poderia não se realizar completamente e que poderiam surgir sobreposições entre esferas desigualmente estruturadas, como a literatura e a sociedade. É como se houve, de forma subjacente, certo ceticismo inscrito na noção de “formação” formulada por Candido, o que talvez só fosse plenamente visível em um momento histórico em que a ascensão do chamado neoliberalismo punha em xeque a ideia de um desenvolvimento nacional, parcialmente realizado de maneira autoritária e excludente no período pós-1964. A sobriedade da noção serve, assim, para figurar alguns impasses capitais com os quais a inteligência local tinha que lidar: por um lado, a *formação* – da literatura, das artes, do cinema, do país – é desejável, pois ela conseguiria conformar circuitos sociais e políticos que *poderiam* propiciar a integração social, cultural e política de um país cuja marca é a fratura exposta entre os que tem e os que não tem. Ou, em uma perspectiva mais modesta:

Num país culturalmente a reboque, como o nosso, onde as novidades dos centros mais prestigiosos têm efeito ofuscante, a existência de um conjunto de obras entrelaçadas, confrontadas entre si, lastreadas de experiência social específica, ajuda a barrar a ilusão universalista que é de natureza da situação de leitura, ilusão a que é levado todo leitor, especialmente quando, com toda a razão, busca fugir à estreiteza ambiente. (SCHWARZ, 1999b, p.20)

Nesse sentido, percebe-se a conjugação lógica e política dessa ideia com a prática cultural, institucional e política de Candido, descrita por Schwarz no texto que analisamos anteriormente. Desse ponto de vista, e dando um passo além, podemos perceber que a noção de formação talvez pressuponha certo *engajamento* entre teoria e prática que não foi devidamente assinalado. Por outro lado, essa formação *poderia não realizar* suas promessas; ou melhor, poderia haver certo desencontro entre a expectativa de intelectuais sobre ela e os seus resultados concretos. O filtro propiciado pela formação de nosso sistema literário poderia ser “apenas” isso: um filtro.

A posição de Schwarz nesse dilema é clara: embora seja preciso redefinir o âmbito da “prática” a que se refere a noção de “nacional”, seria preciso levar em conta a noção de *formação* justamente porque ela impede que caíamos na ilusão do discurso da globalização, ascendente no período em que o autor escrevia essas notas. “Essa ideia [de formação], o ponto de chegada do processo histórico descrito no livro de Antonio Candido, e também o ponto de chegada da exposição do Paulo [Arantes], não podia estar mais fora de moda, nem ter maior oportunidade crítica.” (SCHWARZ, 1999b, p.22). Se a situação manda não aderir ao bitolamento nacionalista – ao qual Candido soube se manter distante –, ela também exigiria a recusa da ideologia

globalizadora, especialmente sedutora em universitários e intelectuais desejosos pela integração aos centros culturais e científicos mais prestigiosos. Isso se deve, em primeiro lugar, ao fato de que a proximidade geográfica, cultural, econômica e política pressuposta no discurso da “aldeia global” *não existe*; isto é, continuam existindo assimetrias significativas entre países ricos e pobres, tal como antes, de sorte que suas diferenças continuam a ter importância em suas capacidades e necessidades; em segundo lugar, porque a busca pela adesão a esse novo mundo parece ter, de forma subjacente, uma tomada de posição em prol do esquecimento das desigualdades locais, as quais “atrapalhariam” essa integração⁶. Precisamente, portanto, o inverso do que teria feito Antonio Candido, que levou à sério os problemas *locais* em sua reflexão, sem, no entanto, aderir a qualquer localismo.

A mesma chave é retomada na intervenção de Schwarz que deu origem ao texto “Adequação nacional e originalidade crítica”. Feita na Alemanha, essa intervenção consiste numa análise muito detalhada do ensaio *De cortiço a cortiço*, de Antonio Candido (CANDIDO, 1991), o que lhe confere uma primeira dimensão inusitada – afinal de contas, é de se imaginar que o conhecimento/interesse da audiência alemã de Schwarz por Candido não fosse grande, e talvez ainda menor fosse os conhecedores do romance de Aluísio de Azevedo. Cabe indagar: Schwarz não cairia precisamente na arbitrariedade circulatória que marca a ideia de globalização? A resposta, a qual se encontra no procedimento expositivo de Schwarz, é *não*, pois recusa exatamente a *arbitrariedade* subjacente à ideologia globalizante. Eis, então, a complexidade do ensaio: ao mesmo tempo que enfatiza que boa parte da “originalidade” da crítica literária de Candido está na exploração das especificidades locais (SCHWARZ, 1999c, p.25), afirma que é precisamente essa sua característica que lhe confere uma potência supranacional.

Ecoando a exposição cerrada feita em *Pressupostos, salvo engano*, Schwarz sublinha o paralelismo de *temas* que Candido encontra em *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo, e *L'Assomoir*, de Émile Zola. Entretanto, a *composição* das duas obras seria radicalmente distinta, o que se deveria à diferenciação social atingida pela sociedade francesa, inexistente no Brasil. Assim, o enredo de *O cortiço* seria marcado pela convivência mais próxima entre as pontas do sistema social brasileiro, o que lhe conferiria força e realismo particulares.

Notem-se as considerações contra-intuitivas a que um tal composto de observações induz. À sociedade menos diferenciada, além de tributária da outra no plano cultural, não corresponde necessariamente uma obra mais simples ou menos forte. Não porque a literatura independa da sociedade, ou plano num espaço

6 No seu ensaio *Leituras em competição* (SCHWARZ, 2012f), Schwarz critica algumas propostas de leitura do sobre a obra de Machado de Assis a partir dessa argumentação. Segundo Schwarz, a ideia de que “universalidade” da literatura machadiana só poderia aparecer por meio da secundarização de suas cores locais se equivocaria justamente por não perceber que são precisamente elas que são responsáveis pela sua universalidade.

incondicionado, *como aventa o novo idealismo*, mas porque as conexões não são as previstas. (SCHWARZ, 1999c, p.25-6 – grifo nosso)

Em que pese o desejo ingênuo do naturalismo a respeito da transcrição plena da realidade na literatura, Candido teria evitado cair no polo oposto, dominado pelos defensores da cisão da relação entre literatura e sociedade. O argumento já foi mencionado anteriormente: o realismo não seria resultado de elaborações a respeito de um gênero romanesco, mas seria resultado da própria forma do romance, independentemente da escola literária a qual pertence. Já a ideia de “novo idealismo” refere-se à aludida busca contemporânea por um cosmopolitismo sem lastro social, mas apenas individual. Em contraste, a posição de Candido é tomada novamente como materialista e não-provinciana, característica oposta a esse desejo ingênuo de integração à nova ordem mundial então em formação de alguns intelectuais periféricos. Para se ter uma ideia, o elogio de Candido a *O cortiço* contrasta com a teoria lukacsiana da literatura (LUKÁCS, 1965), que vê o naturalismo como sintoma de decadência ideológica e perda de força formal.

Vale repisar a crítica de Schwarz à ideologia da globalização feita por meio da análise literária de Candido:

Há também a possibilidade de a *cópia* (no sentido de obra segunda, por oposição à obra primeira) resultar superior, o que relativiza a noção de *original*, retirando-lhe a dignidade mítica e abalando o preconceito – básico para o complexo de inferioridade colonial – embutido nessas noções. Nem por isso entretanto estas se tornam supérfluas, como querem os amigos da intertextualidade e de Derrida, os quais mal ou bem supõem um espaço literário que não existe, sem fronteiras, homogêneo e livre, onde tudo, inclusive o original – e portanto nada -, é cópia. Só por ufanismo ou irreflexão alguém dirá que a eventual superioridade de um artista latino-americano sobre o seu exemplo europeu indica paridade cultural das áreas respectivas, *por aí ocultando as desigualdades e sujeições que teriam de ser o nosso assunto por excelência*. É um bom resultado da *déconstruction*, além de uma alegria, saber que os latino-americanos não estamos metafisicamente fadados à inferioridade da imitação, já que também os europeus imitam (aí a relativização da originalidade). Mas seria mais cegueira não enxergar que a inovação não se distribui por igual sobre o planeta, e que se as causas dessa desigualdade não são metafísicas, talvez sejam outras. Além de esforço civilizatório, merecedor de aplauso, a utilização de um modelo com pressupostos sociais europeus era uma cópia sim, na acepção pejorativa, enquanto ele não fosse reciclado conforme as condições locais, quando então se livrava da feição postiça, ou melhor, quando superava a inadequação entre a cultura contemporânea e as condições do lugar. (SCHWARZ, 1999c, p.26-7, grifos do original)

Essa originalidade aparece especialmente quando Candido se põe a descobrir o emissor do dito “para português, negro e burro, três pês: pão para comer, pano para vestir, pau para trabalhar”, o qual estruturaria a narrativa de *O cortiço*. Descoberto que o seu emissor era o brasileiro livre e endividado com os empórios lusitanos, para o qual o trabalho era animalizador, percebe-se que o romance de Aluísio de Azevedo guardava, em sua forma, uma estrutura particular profundamente ligada à realidade local.

Segundo Schwarz, essa postura metodológica de Antonio Candido nasceu em um momento

em que vicejava orientação diversa na crítica literária internacional, que passava a se orientar pela secundarização da relação da literatura com elementos externos a ela (Cf. SCHWARZ, 1999c, p.29). Não fica difícil perceber que Schwarz constrói um paralelismo entre a originalidade modernista e contra-hegemônica da crítica literária de Antonio Candido em seu contexto de origem – os anos 1970, como vimos - com a sua própria posição nos anos 1990, momento em que se fortalece uma perspectiva que visa eliminar, política e literariamente, o espaço *nacional* como um dos elementos configuradores das experiências literárias. Em oposição a isso, a busca das *especificidades* dessas experiências é traduzida na recusa da especialização disciplinar, também ascendente, que configura campos de saber chamados “teoria literária” ou “literatura brasileira”; afinal de contas, o estudo de Candido sobre *O cortiço* é todo calcado nos conhecimentos *extra-literários* do crítico, como aponta Schwarz. Pois a ideologia antiportuguesa que anima o romance de Azevedo é pressuposto de sua compreensão contextual e formal; lê-lo sem essa referência popular e sem esse horizonte político implicaria não entendê-lo. Nos termos de Schwarz: “[...] este prima [...] é uma *forma* objetiva, capaz de pautar tanto um romance como uma fórmula insultuosa, um movimento político ou uma reflexão teórica, *passíveis de confronto através da reconstrução daquela condição prática mediadora.*” (SCHWARZ, 1999c, p.30).

A figura de Antonio Candido é novamente invocada para fazer a crítica da falta de especificação do desejo irrefletido pela modernidade. A seguinte passagem é exemplar do refinamento da percepção de Schwarz sobre Candido, como afirmamos no início de nosso texto.

Antonio Candido costuma ser citado entre os primeiros críticos brasileiros a se beneficiar de uma formação atualizada em ciências humanas, a salvo do autodidatismo tradicional e em sintonia com a dinâmica intelectual nova – o que certamente é verdade. *Mas, passados os anos, o valor de seus escritos – que melhoram e ganham em saliência com o tempo – parece trocar de origem: interessam justamente por não se esgotarem no universalismo prêt-à-porter do debate teórico atual, ou melhor, por terem continuidade refletida com as posições, noções e contradições sustentadas pela experiência histórica do país, dentro, fora e antes da universidade, experiência cujo andamento é outro e possivelmente mais real.* (SCHWARZ, 1999c, p.33 – grifo nosso)

O exercício reflexivo de Schwarz está, justamente, em demonstrar que a crítica materialista não-nacionalista de Antonio Candido permite fazer a crítica do universalismo abstrato, como desprovincianiza o debate sobre as nossas letras, que passam ser tomadas como figuradoras de uma experiência socio-histórica a qual poderíamos caracterizar como “moderna, nacional, complexa e negativa”, para recorrermos a uma expressão por ele mesmo formulada.

Aliás, é essa experiência, requalificada nos anos 1990, que será tematizada pelo crítico em “Os sete fôlegos de um livro”, originalmente uma exposição feita em 1998 em uma homenagem a Antonio Candido. O texto analisa *Formação da literatura brasileira*, cuja ideia central “mal começou a ser discutida.” (SCHWARZ, 1999d, p.46). Na esteira do que vimos, além do elogio

acerca da pesquisa, do tom e da profundidade do livro clássico de seu professor, Schwarz destaca a frutífera relação de continuidade e ruptura que Candido estabelece com seus predecessores. Essa “técnica de trabalho” do crítico, aliás, teria sido a mesma de Machado de Assis, autor que reteu e repensou a tradição que lhe anteveio. Ressoando aquilo que havia exposto no texto que estudamos anteriormente, Schwarz volta a frisar o contraste dessa posição e o “procedimento universitário comum”, no qual os “fatos da literatura local são apanhados sem maior disciplina histórica e revistos ou enquadrados pelos pontos de vista prestigiosos do momento, tomados à teoria crítica internacional e a seus pacotes conceituais.” (SCHWARZ, 1999c, p.47). Candido teria feito o inverso, como se percebe.

Em contraste com o estudo anterior dedicado a *Formação da literatura brasileira*, neste Schwarz se debruça sobre a lógica interna da obra, cujo centro gravitacional estava na combinação do estudo do passado à luz do moderno, mas sem apegos apriorísticos a nenhum dos momentos. Outro componente dessa lógica interna era o problema ao qual o crítico perseguia com a obra, a *formação* da literatura brasileira – característica que lhe fazia fugir da tentação de redigir um compêndio. O livro buscava assinalar os “momentos decisivos” desse processo, o qual corresponderia ao processo de conformação de autores, obras e públicos que levem adiante a reflexão acerca da aclimação de formas estrangeiras e de temas, tratados a partir de pontos de vista locais. O problema, no entanto, não seria apenas literário: o que estava subjacente a esse desejo de construção literária era a busca por construir a cultura de um país. Esse é o fio de análise que Candido utilizou para avaliar o Arcadismo e o Romantismo, normalmente vistos como contrapostos. Essa percepção estaria presente nas próprias lógicas das obras e na ação de seus autores, empenhados nessa construção.

Entretanto, aqui há um adensamento em relação a “Sobre *Formação da literatura brasileira*”: o fato de ter se completado antes da abolição da escravidão e não ter mudado as feições sociais do país, torna a literatura um caso paradigmático do modo de ser de nossa elite, capaz de se empenhar em construir uma literatura complexa e de manter uma sociedade iníqua. “Nesse sentido, trata-se de uma descrição do progresso à brasileira, com acumulação considerável no plano da elite e sem amior transformação das iniquidades coloniais.” (SCHWARZ, 1999d, p.55). O autor continua:

Com a distância do tempo, pode-se também dizer que essa visão do acontecido apresentada por Antonio Candido, resultou mais sóbria e realista que a dos outros autores que falamos [Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda e Celso Furtado]. É como se nos dissesse que de fato ocorreu um processo formativo no Brasil e que houve esferas – no caso, a literária – que se completaram de modo muitas vezes até admirável, sem que por isso o conjunto esteja em vias de se integrar. O esforço de formação é menos *salvador* do que parecia, talvez porque a nação seja algo menos coeso do que a palavra faz imaginar. (SCHWARZ, Os sete, p.55 – grifo do autor)

Ora, o contexto em que Candido escreveu *Formação* também era empenhado, com o adendo de que a industrialização trazia novo fôlego às expectativas do país, expressas no nacionalismo desenvolvimentista. Porém, o ceticismo incrustado no livro pedia zelo aos mais afoitos, pegos desprevenidos com 1964. Não se trata de tentar adivinhar qual era a posição política de Candido nesse período, mas sim de destacar que a *forma objetiva* de sua argumentação nos conduz nessa direção. Repitamos: talvez essa compreensão só pudesse ocorrer depois de que o processo de formação do país, nos moldes então pensados, falhou.

Com o governo de um sociólogo de formação marxista dizendo que a integração social sonhada não ocorreria, como ficavam as expectativas da “formação”? O autor aventava uma série de possibilidades, das quais a mais forte parece ser a de que, no campo da literatura, o “sistema literário nacional parece um repositório de forças em desagregação” (cf. SCHWARZ, 1999d, p.58). Não custa repetir: um dos exemplos das forças desagregadoras seria a busca incessante da internacionalização por parte dos escritores, que passam a ser cidadãos globais sem compromissos com lastros locais – onde, no entanto, vivem eles e seus leitores. Nesse caso, percebe-se que o movimento contemporâneo da literatura é exatamente o contrário daquele identificado por Candido em *Formação da literatura brasileira*.

Importa-nos destacar essa imbricação que Schwarz estabelece entre suas reflexões sobre Candido e o seu diagnóstico de época. Como bem notaram Anderson Gonçalves, Edu Otsuka e Ivone Rabello, *Sequências brasileiras*, livro no qual constam as reflexões sobre Candido que sumarizamos, “parecia mesmo apontar para um limiar histórico a ser transposto pela crítica brasileira, a qual até então havia se movido nos limites de uma tradição de pensamento circunscrita no quadro nacional, que a obra de Schwarz levou até seu último desdobramento.” (GONÇALVES, OTSUKA e RABELLO, 2013, p.329). A base do raciocínio de Schwarz, que já havia intuído algumas das consequências da modernização contemporânea, foi a leitura da contemporaneidade empreendida por Robert Kurz em *O colapso da modernização* (1991), livro no qual é teorizada a ideia de que o ciclo histórico da industrialização apresentava sinais de esgotamento, traduzido, em termos práticos, na remodelação das relações de trabalho, incluído aí o fim da chamada sociedade salarial. É nos termos de uma “sociedade pós-catástrofe” que Schwarz reflete elabora sobre as consequências do esgotamento do nacional-desenvolvimentismo, orientação que havia impulsionado a intelectualidade brasileira, incluído Antonio Candido, entre os anos 1950 e 1980.

Nesse sentido, as reflexões de Schwarz sobre Antonio Candido guardam dois sentidos simultâneos, configuradores de uma reflexão densa: por um lado, são análises que destacam alguns dos pontos altos ao qual chegou a inteligência nacional, simbolizada por Candido, naquele período

que se esgotava; por outro lado, partindo deles mesmos, buscam procurar intuições, porém em chave renovada, para enfrentar o novo período que se abria. Sem querer forçar a nota, talvez caiba fazer um paralelismo entre essa situação e a relação de Candido com Silvio Romero, que também escrevia em período diferente daquele em que o então jovem crítico produzia sua tese. Ainda assim, Candido foi procurar nele intuições sobre a atividade crítica no Brasil, as quais levou adiante em nova orientação. Não seria essa a sugestão de Schwarz?

TERCEIRO MOMENTO: ANTONIO CANDIDO E THEODOR ADORNO

Uma das facetas mais visíveis de *Martinha versus Lucrecia* é a das análises de trajetórias de figuras importantes da esquerda brasileira, incluindo o próprio Schwarz. Um dos motes desses estudos é o efeito histórico, nos planos pessoal, geracional e político, do golpe de 1964 na inteligência local, que parece ser tomado pelo crítico literário como a origem do atual tempo político brasileiro (Cf. GONÇALVES, OTSUKA e RABELLO, 2013, p. 331-2).

É nesse espírito de revisitação, sem passadismo, que Schwarz repensa a sua trajetória e as daqueles que o circundavam, pessoal e intelectualmente. Um dos pontos altos dessa reflexão é a sua entrevista sobre Adorno, originalmente dada à revista *Cult* em 2003. Ao destacar a forma como entrou em contato com a obra do pensador alemão nos anos 1960, Schwarz faz um giro inesperado para indicar que Antonio Candido, naquele momento, formulava uma noção materialista de forma literária que “ia no mesmo sentido” daquela pensada por Adorno (SCHWARZ, 2012g, p.48). Essa observação não tem nada de casual; ao encarar por esse prisma a produção de Candido, Schwarz retoma, quase 25 anos depois, o fio presente na argumentação de *Pressupostos, salvo engano* para sublinhar, agora em outra chave, o feito extraordinário de Candido, que logrou formular uma intuição similar a de Adorno, *embora sem a sólida tradição cultural de que o último desfrutava*. Se Adorno tinha como seus predecessores figuras como Immanuel Kant, Gottfried Lessing, Johann Wolfgang von Goethe, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Karl Marx, Friedrich Nietzsche e tantos outros figurões do primeiro nível da filosofia alemã – a qual, em sua feição idealista, constituía a glosa filosófica da revolução francesa (ARANTES, 1996), o principal acontecimento político da chamada “Modernidade” - Candido partia de um ambiente cultural muito menos denso; suas referências de crítica literária mais atualizadas eram os chamados *new critics*, que faziam a análise das obras sem observar o seu lastro social. Além disso, a assimetria das duas situações aparece também, por exemplo, na escassa circulação internacional das obras de Candido, o que se deveria, segundo Schwarz, ao fato de que “os romances a que se referem – as *Memórias de um sargento de milícias* e *O cortiço* – não têm repercussão internacional.” (SCHWARZ, 2012g, p.48). Essas desigualdades *estruturais* impactaram a ambição intelectual e política de cada um desses estudiosos.

Digamos que o ensaísmo de Antonio Candido e a sua pesquisa de formas ambicionavam esclarecer a peculiaridade da experiência brasileira, seja literária, seja social. Ao passo que Adorno sondava o sentido e o destino da civilização burguesa como um todo. Num caso está em pauta o Brasil, e só mediatamente o curso do mundo; enquanto no outro se trata do rumo da humanidade como que diretamente. A diferença das linhas de horizonte acarreta uma diferença de gênero e tom – um menor e outro maior, os dois com prós e contras. De fato, dificilmente alguém buscará orientação sobre o mundo contemporâneo num estudo sobre as *Memórias de um sargento de milícias* e a dialética da malandragem (embora seja perfeitamente possível), assim como ninguém buscará menos do que isso num ensaio sobre Hölderlin ou Beckett. (SCHWARZ, 2012g, p.49)

A chave da comparação está sugerida na ideia de que ambas as construções, antes incomparáveis, possuem “prós” e “contras”. Ora, não é preciso muito para intuir que a sua originalidade estaria em identificar em que ponto o constructo intelectual de Candido possui um ponto positivo sobre o de Adorno, autor visto como “universal”. Esse é o passo dado por Schwarz, que sugere que a exploração que Candido fez da condição periférica lhe permitiu atinar para a *falsidade* da ideia de que as categorias estéticas e políticas estrangeiras se aplicam sem mais a ela; ou, em outros termos: o ceticismo sereno de Candido corrigiria o universalismo – nesse caso, ingênuo e ideológico – de Adorno. Além de indicar o espírito aberto do crítico literário, que não hesita em criticar uma das suas principais referências – como, aliás, havia feito com Candido -, essa observação sugere que a posição social e histórica ocupada por Adorno talvez não permitisse, de sua parte, o entendimento adequado sobre a relatividade das formas sociais as quais identificou.

Essa perspectiva é explorada em texto de 2009 (SCHWARZ, 2009), no qual Schwarz, inicialmente, busca demonstrar – um pouco à maneira de *Pressupostos e Adequação nacional e originalidade crítica* - o modo como Adorno realiza sua crítica artística. Depois de analisar a crítica potente que Adorno faz de uma peça de Samuel Beckett, na qual ele demonstra a dimensão realista do Modernismo contra a teoria estreita do realismo de Georg Lukács, o crítico volta a destacar o paralelismo entre Adorno e Candido. Agora, a ideia de que ambos construíram noções similares sobre a forma artística é aprofundada pela constatação de que os dois teriam regido suas atividades críticas com rara liberdade de espírito, o que teria se traduzido na confiança que ambos depositaram na intuição estética das obras de arte. Nesse caso, o contraste é feito com a figura de Lukács, que teria se submetido à visão da história/mundo soviética. Teria sido essa liberdade de espírito que teria permitido Candido comparar *Memórias de um sargento de milícias* com *A letra escarlata* e *O cortiço* com *L'Assemoir* e concluir em favor dos primeiros contra os segundos.

Nesse ponto Antonio Candido e Adorno estão operando da mesma maneira; entretanto a interpretação de Antonio Candido se refere basicamente ao Brasil, enquanto que a interpretação do Adorno se refere à história da humanidade, ao estágio atual ou da humanidade ou da era burguesa; embora as duas coisas existam. Em Adorno é mais razoável dizer da era burguesa, mas da era burguesa para além da questão da nacionalidade. (idem, p.185)

Assim, Schwarz nota que “num certo sentido tangível e simples o trabalho de Antonio Candido importa menos do que o trabalho de Adorno.” (idem, p.185). Isso porque, seguindo o argumento antes exposto, a ninguém ocorreria ler *O cortiço* para entender o desenvolvimento capitalista mundial; ao passo que costuma se ler Beckett e Holderlin não como autores irlandês e alemão, respectivamente; são autores tidos como universais. Assim: “Num certo sentido é evidente que Adorno aparece como um filósofo do nosso tempo e Antonio Candido como um historiador da literatura brasileira; são coisas de pesos diferentes.” (idem, p.185).

Curiosamente, no entanto, a “ousadia” de Antonio Candido teria sido explorar o mais profundamente possível – isto é, com ambição teórica e histórica - os produtos e as condições periféricos sem provincianismos. Nessa acepção, Candido teria *superado* a dialética do localismo e do cosmopolitismo, lei de nossa vida intelectual por ele mesmo identificada (CANDIDO, 2006b); nem tratou nossa literatura de forma apequenada, embora reconhecesse sua dimensão não-central, nem buscou fugir dela para falar da “grande literatura”⁷. Ou seja: ao *enfrentar* aquela mencionada desigualdade estrutural em relação às literaturas dos países centrais, o trabalho de Candido teria chegado a uma nova “qualidade”, para usarmos um termo caro à tradição dialética.

Antonio Candido decide ir tão longe quanto possa assumindo essa nossa condição periférica. Isso, que por um lado parece uma espécie de inferioridade ou limitação, não deixa de ser também um modo de valorizar um dos aspectos decisivos da sociedade contemporânea que é a divisão entre centro e periferia. Ao fincar o pé na condição periférica, o crítico periférico está pondo em evidência um aspecto da sociedade contemporânea que na construção dos países centrais, que são universalistas, desaparece. O crítico periférico está dizendo que o universalismo implicado na conceituação dos países centrais é irreal, porque esse universalismo não existe; as coisas são de um jeito no centro e são de outro jeito na periferia e uma conceituação que não seja aberta para essa clivagem é falsa.

Há um aspecto da história contemporânea que – apanhado justamente através da coragem de se agarrar à condição periférica e de fazer dela um ponto de partida importante para entender tanto o mundo contemporâneo quanto o seu movimento universalista – é, num certo sentido, mais verdadeiro. (SCHWARZ, 2009, p.186)

Sem alarde, o resultado da comparação por esse prisma é revelador: o *filósofo* alemão, autor de *Teoria Estética*, é visto como possuidor de traços provincianos, enquanto o *crítico literário* brasileiro, autor de *Formação da literatura brasileira*, é formulador de uma ideia original, que emprestaria nova inteligibilidade às ideias centrais. Nos termos de Schwarz: “Não tenho dúvida de que o ensaísmo periférico de qualidade sugere a existência de certa linearidade indevida nas construções dialéticas de Adorno e do próprio Marx – uma homogeneização que faz supor que a periferia vá ou possa repetir os passos do centro.” (SCHWARZ, 2012g, p.49). Encontramos, pois, a

7 Aliás, esse é o sentido preciso do prefácio à 1ª edição de *Formação da literatura brasileira* (CANDIDO, 2000, p.9-10)

aplicação prática de uma intuição que o próprio Marx havia formulado no capítulo sobre a teoria moderna da colonização do primeiro volume do *O Capital*, embora nem sempre tenha sido fiel a ela: a de que a periferia poderia revelar aspectos obscurecidos pelas teorias dos países centrais. (MARX, 2015, p.844).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Pelo que ficou dito, ao tomar Antonio Candido como seu objeto de análise, Schwarz busca compreender a sua experiência – não apenas pessoal, mas especialmente social, política e cultural - *pretérita e atual* no mundo sempre com olhos nas tarefas da crítica para o *futuro*, embora este esteja nublado. Em outros termos: passado, presente e futuro não se dissociam em suas reflexões sobre Antonio Candido. Dito isso, cabe dar um passo adiante, pois o “objeto Antonio Candido” é especial, dada a sua centralidade na configuração da crítica literária e social moderna no país, de modo que pensar sobre as potencialidades do pensamento e da ação de Antonio Candido é também pensar sobre as capacidades e tarefas dos intelectuais brasileiros. Assim, acresce que as reflexões de Schwarz sobre Candido são também sobre a inteligência brasileira, incluído ele próprio.

Isto é, a procura, sempre motivada por questões atuais, por novas facetas da crítica de Antonio Candido parece conter uma ideia complexa e nada provinciana de valorização do pensamento social, político e cultural brasileiro, como fica especialmente claro na comparação ambiciosa que Schwarz faz entre Adorno e Candido, cujo resultado é, em certa medida, inesperado para um desavisado. Talvez aqui haja uma linha de pesquisa a seguir; não seria o caso de ler, com espírito aberto e sem ressentimento, de maneira comparativa os clássicos locais e os importantes pensadores do século XX? É possível que os resultados sejam surpreendentes.

Em um momento marcado pela crise da globalização, incapaz de resolver os nossos problemas formativos, e no qual o sistema político local demonstra a sua lógica de funcionamento corrompida, talvez haja uma brecha para retomarmos criticamente os fios do pensamento crítico brasileiro. Pensar criticamente o pensamento crítico brasileiro significa compreender seus momentos de verdade e falsidade; isto é, o que dele permanece e o que precisa ser repensado, sempre valorizando esse traço de continuidade reflexiva. Como fazer isso? Ler as análises de Schwarz sobre Candido pode ser um bom caminho para começar.

BIBLIOGRAFIA:

ARANTES, Paulo (1992). *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira – Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. São Paulo, Editora Paz e Terra.

ARANTES, Paulo (1996). *Ressentimento da Dialética – Dialética e Experiência Intelectual em Hegel (Antigos Estudos sobre o ABC da Miséria Alemã)*. São Paulo, Paz e Terra.

CANDIDO, Antonio (1970). A dialética da malandragem. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Nº8. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69638>

CANDIDO, Antonio (1984). A revolução de 30 e a Cultura. *Novos Estudos*, v.2, nº 4. Abril de 1984.

CANDIDO, Antonio (1990). Radicalismos. *Estudos avançados*, vol.4, nº8. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141990000100002

CANDIDO, Antonio (1991). De cortiço a cortiço. *Novos Estudos Cebrap*, nº30. Julho de 1991.

CANDIDO, Antonio (2000). *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Itatiaia.

CANDIDO, Antonio (2004). A Faculdade no centenário da Abolição. In: CANDIDO, Antonio (2004). *Vários escritos*. São Paulo, Rio de Janeiro. Editoras Duas Cidades e Ouro sobre Azul.

CANDIDO, Antonio (2006). Crítica e Sociologia. In: CANDIDO, Antonio (2006). *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro. Ouro sobre Azul.

CANDIDO, Antonio (2006b). Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: CANDIDO, Antonio (2006). *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro. Ouro sobre Azul.

CANDIDO, Antonio (2009). O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.

GONÇALVES, Anderson; OTSUKA, Edu Teruki e RABELLO, Ivone Daré (2013). O retratista e os intelectuais às voltas com 1964. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n.57, p.327-348.

GONÇALVES, Rodrigo Santaella e BRITO, Leonardo Octavio Belinelli (2017). Notas teóricas sobre a “nacionalização” do marxismo: os casos do seminário d'O Capital e do grupo Comuna. *Revista Outubro*, nº28. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/notas-teoricas-sobre-a-nacionalizacao-do-marxismo-os-casos-do-seminario-do-capital-e-do-grupo-comuma/>

LAHUERTA, Milton (2008). Marxismo e vida acadêmica: os pressupostos intelectuais da crítica uspiana ao nacional-desenvolvimentismo. In BOTELHO, André; BASTOS, Élide Rugai e VILLAS BOAS, Gláucia (org). *O moderno em questão – a década de 1950 no Brasil*. Editora Topbooks, Rio de Janeiro.

LIMA, Pedro Luiz da Silva do Rego (2015). As desventuras do marxismo: Fernando Henrique Cardoso, antagonismo e reconciliação (1955-1968). Tese de doutorado em Ciência Política. Instituto de Estudos Sociais e Políticas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

LUKÁCS, George (1965). Narrar ou descrever? In: LUKÁCS, George (1965). *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira.

MARX, Karl (2015). *O Capital* – Livro 1. São Paulo, Boitempo.

MICELI, Sérgio (2007). O chão e as nuvens: ensaios de Roberto Schwarz entre arte e ciência. In: CEVASCO, Maria Elisa e OHATA, Milton (orgs). *Um crítico na periferia do capitalismo – reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*. Companhia das Letras, São Paulo.

MOURA, Flávio Rosa (2011). Um crítico no redemoinho. *Tempo Social* (Revista de Sociologia da USP). Vol. 23, nº2.

RICUPERO, Bernardo (2008). Da formação à forma. Ainda as “ideias fora do lugar”. *Lua Nova*, São Paulo, 73, 59-69.

RODRIGUES, Lidiane Soares (2011). A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e 'um seminário' (1958-1978). Tese de Doutorado em História Social. Universidade de São Paulo.

SCHWARZ, Roberto (1999a). Saudação “Honoris Causa”. In: SCHWARZ, Roberto (1999). *Sequências brasileiras*. São Paulo, Companhia das Letras.

SCHWARZ, Roberto (1999b). Sobre *Formação da literatura brasileira*. In: SCHWARZ, Roberto (1999). *Sequências brasileiras*. São Paulo, Companhia das Letras.

SCHWARZ, Roberto (1999c). Adequação nacional e originalidade crítica. In: SCHWARZ, Roberto (1999). *Sequências brasileiras*. São Paulo, Companhia das Letras.

SCHWARZ, Roberto (1999d). Os sete fôlegos de um livro. In: SCHWARZ, Roberto (1999). *Sequências brasileiras*. São Paulo, Companhia das Letras.

SCHWARZ, Roberto (1999). Um seminário de Marx. (mimeo)

SCHWARZ, Roberto (2009). A Dialética da Formação. In: PUCCI, Bruno; ALMEIDA, Jorge de e LASTÓRIA, Luiz (orgs). *Experiência formativa & emancipação*. São Paulo, Nankin Editorial.

SCHWARZ, Roberto (2009b). Entrevista. In: MOURA, Flávio e MONTERO, Paula (org). *Retrato de grupo – 40 anos do Cebrap*. São Paulo, Cosac Naify.

SCHWARZ, Roberto (2009c). Entrevista. *Literatura e Sociedade*, nº11. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/24695/26572>

SCHWARZ, Roberto (2012a). Na periferia do capitalismo. In: SCHWARZ, Roberto (2012). *Martinha versus Lucrecia* São Paulo, Companhia das Letras.

SCHWARZ, Roberto (2012b). Nacional por subtração. In: SCHWARZ, Roberto (2012). *Que horas são?*. São Paulo, Companhia das Letras.

SCHWARZ, Roberto (2012c). Sobre Adorno. In: SCHWARZ, Roberto (2012). *Martinha versus Lucrecia* São Paulo, Companhia das Letras.

SCHWARZ, Roberto (2012d). Pressupostos, salvo engano, de Dialética da malandragem. In: SCHWARZ, Roberto (2012). *Que horas são?*. São Paulo, Companhia das Letras.

SCHWARZ, Roberto (2012e). Política e Cultura. In: SCHWARZ, Roberto (2012). *Que horas são?*. São Paulo, Companhia das Letras.

SCHWARZ, Roberto (2012f). Leituras em competição. In: SCHWARZ, Roberto (2012). *Martinha versus Lucrecia* São Paulo, Companhia das Letras.

SCHWARZ, Roberto (2012g). Sobre Adorno. In: SCHWARZ, Roberto (2012). *Martinha versus Lucrecia* São Paulo, Companhia das Letras.

SCHWARZ, Roberto (2017). Sobre a leitura de Marx no Brasil. SCHWARZ, Roberto et al. *Nós que amávamos tanto o O Capital: leituras de Marx no Brasil*. São Paulo, Boitempo Editorial.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (1999). *Ler o livro do mundo: Walter Benjamin – romantismo e crítica poética*. São Paulo, FAPESP/Illuminuras.